

# Considerações sobre o silêncio na clínica psicanalítica: dos primórdios aos dias atuais

*Considerations about silence in psychoanalytic clinic:  
from the beginning to contemporaneity*

---

Camila Braz Padrão\*

**Resumo :** Este trabalho tem como objetivo discutir o desenvolvimento da noção de silêncio da clínica psicanalítica clássica à contemporânea. A partir de uma concepção geral sobre o silêncio, chegaremos à concepção freudiana do silêncio como efeito da resistência. Promoveremos um desdobramento desta noção a partir de Lacan e Winnicott, ao propormos o silêncio como uma possibilidade de abertura do inconsciente e de trabalho psíquico. Enfim, discutiremos os aspectos da cultura contemporânea e sua relação com o silêncio na clínica atual, levando em conta sua especificidade.

**Palavras-chave:** Silêncio, Freud, Lacan, Winnicott, resistência, elaboração, cultura contemporânea, clínica psicanalítica.

**Abstract:** *This paper has the objective to discuss the development of silence notion from the classic psychoanalytic clinic to contemporaneity. Departing from a general conception about silence, we reach a freudian conception of silence as an effect of resistance. We intend to promote a twist of this notion from Lacan and Winnicott, by proposing the silence as a possibility of unconscious opening and psychic work. Finally, we discuss the aspects of the contemporary culture and its relations about silence in actual clinic, taking in consideration its specificity.*

**Keywords:** *Silence, Freud, Lacan, Winnicott, resistance, elaboration, contemporary culture, psychoanalytic clinic.*

---

\* Psicóloga clínica, Especialista em Psicologia Clínica/IFF-Fiocruz, Psicoterapeuta do Instituto Cultural Freud, Associada ao Fórum/CPRJ.

## Introdução

Antes de constituir objeto de interesse da psicanálise, o silêncio é um elemento da comunicação que se faz presente em qualquer ato comunicativo humano. Assim, em nosso entendimento, a discussão que pretendemos realizar sobre o silêncio na clínica psicanalítica deve, necessariamente, ser precedida de uma breve reflexão acerca deste conceito. Iniciaremos nosso trabalho, portanto, a partir de uma concepção mais geral sobre o silêncio, tal como é definido pelas teorias da comunicação.

Após esta breve conceituação, nos deteremos à ascensão do silêncio enquanto ponto de interesse freudiano por sua incômoda insistência na clínica psicanalítica, comportando, neste momento, um aspecto paradoxal, na medida em que pode se apresentar seja como fenômeno de resistência, seja como abertura do inconsciente. Analisaremos certas contribuições de Lacan, passagem que se faz inevitável na medida em que definiu o próprio Inconsciente como uma linguagem, o que nos remete diretamente a novas manifestações por meio dos quais tal instância emerge na clínica psicanalítica.

Discorreremos, então, sobre algumas considerações de Winnicott em seu trabalho sobre a capacidade de estar só e o silenciar, por acreditarmos que este autor vem promover uma importante positivação da noção de silêncio. Desta forma, buscaremos dar conta de um posicionamento da clínica psicanalítica clássica frente a tal questão, para em seguida apresentar uma discussão acerca do silêncio na clínica psicanalítica atual.

Nesta perspectiva, falaremos brevemente da inserção do silêncio na cultura contemporânea, onde serão destacados certos aspectos que nos interessam: a questão da *temporalidade* e da relação com a *alteridade*, que parecem estar intimamente relacionadas com uma *dimensão de falta*, bastante evidente na clínica das chamadas novas subjetividades.

Concluiremos então, analisando a relevância do desenvolvimento da noção de silêncio ao longo da teoria e clínica psicanalíticas, o que certamente nos convoca a pensar uma nova clínica, uma nova posição do analista e uma nova relação transferencial, enfatizando assim, a importância de tal conceito enquanto analisador de nossa própria prática.

## Considerações gerais sobre a noção de silêncio

A própria concepção de silêncio comporta em si um aspecto dicotômico, já que se funda na dicotomia entre presença e ausência de sonoridade, sem que

uma exista sem a outra. Assim como a dicotomia clássica corpo/alma, a dicotomia som/silêncio se define pela divisão lógica de uma noção em dois outros conceitos, contrários entre si, que lhe esgotam a extensão. É a preexistência de um que engendra a existência de seu oposto, ou seja: sem som não há silêncio, e sem o silêncio não seria possível conceber a sonoridade.

Eduardo Cañizal (2005), pesquisador das manifestações não-verbais da comunicação, nos traz importantes contribuições num artigo sobre a incomunicação, onde afirma, por exemplo, que “o que possibilita ou impossibilita a comunicação é, em última instância, o silêncio.” (2005, p. 18) Contudo, é comum a ideia de que a comunicação se dá apenas através de signos, palavras e imagens. As teorias da comunicação certamente privilegiam situações em que os atos comunicativos são mediados pelo código verbal. Segundo o autor, a própria invenção da escrita e da fonologia consagrou um método de análise que acabou contribuindo para a marginalização do papel desempenhado pelo silêncio na comunicação.

Para este autor, é preciso reconhecer que, em qualquer prática de interlocução, o silêncio se espalha sobre os atos sociais ditos comunicativos, constituindo assim, um elemento tão importante quanto qualquer dos outros códigos de que nos servimos para falar. “Mesmo nos signos verbais, considerados como entidades eminentemente sonoras, as configurações que eles desenham nas paisagens de qualquer tipo de conversa, se revestem de cargas de silêncio contundentes...” (Cañizal, 2005, p. 17)

Em variados campos de saber onde se estuda a comunicação, o fenômeno do silêncio está presente e se apresenta como objeto de estudo. Além do aspecto que já enfatizamos, outra razão para tal interesse se baseia no fato de que o silêncio está presente nos diferentes contextos socioculturais, o que lhe confere um caráter universal, visto que “também em outras culturas (...) a abstenção do uso da palavra institui formas paradigmáticas cuja utilização configura algumas das propriedades mais significativas de um ato de comunicação.” (Cañizal, 2005, p. 14)

Tais idéias nos levam a pensar o silêncio como um meio de comunicação, e não como um modo de incomunicação, como se poderia considerar a partir de um olhar superficial. Esta concepção promove uma relevante abertura a respeito do silêncio como um comunicador, e o faz para além de um ponto de vista fonético ou lingüístico.

Ao realizarmos tal afirmação estamos, certamente, nos referindo a um ponto de vista psicanalítico, pois na medida em que consideramos que o silêncio comunica, ele também o faz na experiência clínica. Ao lançarmos um olhar

mais cuidadoso sobre o que este pode comunicar na clínica psicanalítica, chegamos ao conceito freudiano de resistência e, paradoxalmente, a idéia de *abertura do inconsciente*, representada pelos conceitos de elaboração, construção e simbolização, como veremos a seguir.

## Freud e a fala, Lacan e a linguagem

Com o que dissemos anteriormente, é de fácil compreensão que, antes de nos atermos ao silêncio propriamente dito, se faça imprescindível analisarmos a importância da fala na psicanálise freudiana. Sabemos que desde os primórdios da psicanálise, Freud (1893) já havia constatado o poder curativo da fala e posteriormente fez dela instrumento privilegiado do tratamento dos sintomas neuróticos. A especificidade do método psicanalítico a este respeito, em detrimento de outras psicoterapias, reside no fato de que estas se utilizam da fala em sua relação com a consciência, enquanto a psicanálise pontua uma relação fundamental entre fala e inconsciente. Isto significa dizer que, ao falarmos, dizemos mais do que pensamos dizer, denunciando a existência de conteúdos latentes sob os conteúdos manifestos do falar.

Então, para Freud, o inconsciente se manifestaria tanto nos sonhos e sintomas neuróticos como na fala, o que revela uma articulação entre inconsciente e linguagem. Fontenele (2008) ressalta que é este o aspecto privilegiado por Lacan em sua releitura da obra freudiana: a idéia de que o inconsciente é uma linguagem, não no sentido de constituir um baú de símbolos, mas uma instância que produz efeitos a partir da linguagem.

Desta maneira, o acesso do homem ao simbólico se realiza através da linguagem, a partir de uma falha constitutiva que separa o homem do mundo. É nesta falha que incide a linguagem, cuja atuação se dá como uma ponte que busca superar esta distância. Neste sentido, a própria concepção da realidade inconsciente resulta da inserção do homem na cultura e a linguagem entra em cena para tentar dar conta de um esvaziamento de sentido, ou seja, daquilo que o homem não pode compreender, assimilar. Esta dificuldade de assimilação do mundo pelo homem vem do limite que constitui a própria linguagem, insuficiente para a apreensão do mundo por um sujeito do inconsciente. Assim, por mais que o inconsciente procure se valer da linguagem na busca de sentido, sempre haverá um resto, um *sem sentido*, algo da ordem do irrepresentável, um *não dito*.

Através da experiência de sentido, o homem inaugura, assim, a aquisição da linguagem como possibilidade desta experiência de nomear e apreender o

mundo, experiência que ao mesmo tempo em que fundamenta o trabalho analítico pela construção significativa a partir de um trabalho de nomeação, se mostra insuficiente, na medida em que deixa um resto inominável, um *algo por dizer*, pois faltam palavras. A este respeito Fontenele (2008) enfatiza o termo lacaniano *alíngua*, que preserva e transmite uma verdade que não é dita, termo que podemos aproximar à concepção freudiana de *umbigo do sonho*, que denuncia um núcleo, uma verdade obscura que não se pode conhecer.

A entrada do elemento imprevisível, como o ato falho, é prova de que o falar está a todo instante ameaçado por aquilo que está presente em estado latente, isto é, “um significado recalçado (...) se imiscui no dizer do sujeito e ilumina seu desejo, interrompendo o aparente domínio que teria sobre si mesmo, abalando suas intenções comunicativas, revelando o que não pode ser revelado” (Felipeto; Calil, 2008, p. 26)

Vemos assim que de um modo ou de outro, o inconsciente nos fala alguma coisa, mesmo através de uma fala tropeçada e truncada a despeito das intenções do sujeito. E é por esta fala que a psicanálise se interessa: a fala do sujeito do inconsciente, um sujeito clivado; a fala que evidencia uma dimensão de conflito. Esta dinâmica nos revela que enquanto o mecanismo da resistência atua, mantendo o sujeito em silêncio, buscando esconder o desejo que não pode aparecer por ser desprazeroso, o inconsciente quer falar e se apresenta quando a fala do sujeito é capaz de desvelar uma outra coisa: o equívoco, a ruptura, um aparente *sem sentido*.

Assim como a fala parece resistir - a partir de mecanismos como o deslocamento e a condensação - o silêncio na clínica psicanalítica parecia para Freud, uma manifestação deste mesmo mecanismo de resistência, marcado pelo esquecimento, pela ideia de renunciar as palavras ou por um *não ter o que dizer*. Cañizal (2005) nos diz que o silêncio nos revela sentidos viscerais, pois o que verdadeiramente importa nos discursos, nunca figura neles. Há, portanto, uma ausência presente no silêncio, e por trás dele “sempre se implícita uma fala, o que equivale a admitir que por trás de um enunciado oral se escondem “frases do silêncio” (2005, p. 15). Deste modo, quando falamos baboseiras em nossas análises, podemos sim denunciar um conteúdo latente, mas também o fazemos se nos mantemos em silêncio, um silêncio que precisa ser escutado pelo analista, pois também nos conta uma história: ao mesmo tempo em que se apresenta como resistência, paradoxalmente, o silêncio denuncia territórios nos quais evitamos pisar e promove assim, uma abertura para a emergência do inconsciente.

Neste momento, a interpretação do analista pode contribuir para um *se dar conta*, para uma tentativa de se oferecer um sentido para este *não dito*,

inassimilável. O próprio trabalho de construção empreendido pelo par analista-analisando deve se valer dos silêncios, não apenas como denunciadores, mas como abertura para o trabalho psíquico por meio de elaboração e produção de sentidos. O analisando só pode assimilar uma interpretação na medida em que vive um momento de silêncio para escutá-la e para escutar a si mesmo, e neste escutar se implica um trabalho de simbolização que, portanto, está para além de uma simples percepção sonora.

Pensar o silêncio desta maneira contribui para que nos livrems de um negativismo que parece assombrá-lo na prática clínica, para que possamos assim, nos valer dele e positivá-lo, trabalhando analiticamente a partir de seu aparecimento de modo a diluir nossa própria resistência a momentos clínicos silenciosos. Buscando refletir sobre esta positivação do silêncio na clínica psicanalítica, passaremos agora para um breve estudo da obra de Winnicott, autor que nos traz uma interessante contribuição a este respeito.

### **Winnicott e a capacidade de estar só: um olhar positivo sobre o silêncio**

A capacidade de um indivíduo de estar só é, para Winnicott ([1958]1983), um dos sinais mais importantes do amadurecimento do desenvolvimento emocional e clinicamente pode se representar por uma fase de silêncio ou uma sessão silenciosa. Tal capacidade é considerada pelo autor como uma conquista para o paciente e não uma resistência como inicialmente pensava a psicanálise freudiana. Segundo esta consideração, podemos observar uma positivação do *estar só*, até então visto com maus olhos por diversos campos de saber, que geralmente estabelecem uma aproximação entre o *estar só* e o isolamento social, a solidão e a sensação de não-pertencimento e de inadequação; e pela própria psicanálise, como já dissemos, que o considerava basicamente como um sinal de resistência a ser interpretado e combatido.

Assim, o autor define o *estar só* como uma capacidade a ser desenvolvida pelo indivíduo o partir do ambiente que o cerca ao longo de seu desenvolvimento emocional. Esta capacidade se formaria a partir de um momento anterior às relações triádicas próprias do Complexo de Édipo, num estágio mais precoce do desenvolvimento emocional infantil, marcado pela relação diádica entre a criança e sua mãe. Pode-se dizer que o momento desta relação é quase anterior ao narcisismo, na medida em que se passa quando há apenas um grau mínimo de integração e unidade, ou seja, num instante em que o nível de maturidade egóica é apenas presumido. Assim, o salto para uma con-

solidada integração e unidade narcísica só pode se dar de acordo com o que se experimentou em termos desta relação diádica. Mas de que modo esta relação da criança com a mãe define o desenvolvimento da capacidade de estar só no indivíduo?

Pressupõe-se aqui a necessidade de um tipo muito especial de relação: a experiência de ficar só na presença de um outro, que neste momento estamos chamando de mãe, ainda que representada por um objeto ou por uma atmosfera geral do ambiente que cerca a criança. Neste sentido, esta afirmativa torna evidente que a base de tal capacidade constitui em si um paradoxo: trata-se de um *estar só* na presença de alguém. Winnicott aqui não se refere apenas a uma presença física. A presença da mãe – aqui representante do Outro – se configura como uma presença marcada por uma disponibilidade interna, por uma preocupação contundente em relação à criança. Sobre este aspecto nos fala o autor de uma mãe preocupada e “orientada para as necessidades do ego infantil através de sua identificação com a própria criança.” (Winnicott, 1983, p. 35)

Neste sentido, o que importa nesta dinâmica é a relação entre a criança e a mãe que está confiantemente presente e mesmo que ambos estejam sozinhos – a mãe e o bebê – a presença de um é de fundamental importância para o outro. Trata-se de um *estar só* psicicamente, o que podemos referir a um *não ser invadido* por um ambiente demandante, estimulante, que faz exigências. “Maturidade e capacidade de estar só significam que o indivíduo teve oportunidade através de maternidade suficientemente boa de construir uma crença num ambiente benigno.” (Winnicott, 1983, p. 34)

É através deste ambiente suficientemente bom que o indivíduo pode alcançar certa posição: essencialmente uma posição de confiança no ambiente. Confia nele porque sabe que ele não lhe faltará, que pode contar com ele e, assim, não se sente desamparado: “a imaturidade do ego é naturalmente compensada pelo apoio do ego da mãe. (...) O indivíduo introjeta o ego auxiliar da mãe e dessa maneira se torna capaz de ficar só sem apoio freqüente da mãe ou de um símbolo da mãe.” (Winnicott, 1983, p. 34)

Assim, o autor afirma que a capacidade de estar só constitui um fenômeno altamente sofisticado, que depende inicialmente da existência de um ambiente suficientemente bom no plano do real, que por sua vez, pode ser internalizado como um objeto bom na realidade psíquica do indivíduo. “Há sempre alguém presente, alguém que é (...) equivalente, inconscientemente, a mãe, (...) na ocasião interessada em mais nada que não fosse seu cuidado” (Winnicott, 1983, p. 37). Presença essa que, ao longo do desenvolvimento emocional, vai se constituindo como um objeto interno.

É nesta relação com o objeto interno que pode se realizar a capacidade do indivíduo de confiar e descansar temporariamente mesmo na ausência de objetos externos: “É somente quando só (...) que a criança pode descobrir sua vida pessoal própria” e tornar-se “capaz de fazer o equivalente ao que no adulto chamamos relaxar.” (Winnicott, 1983, p. 35). Também somente assim poderá se dar o desenvolvimento da capacidade de se tornar não-integrado, de devanear e de sentir-se real, o que de acordo com essa experiência pode surgir na vida ulterior do sujeito em termos de gesto espontâneo ou de falso *self*.

O próprio autor destaca que ficar em silêncio por alguns instantes na presença do analista, pode ter sido para o sujeito sua primeira experiência de ficar realmente só. Tal afirmação nos parece verdadeira e universal em qualquer contexto cultural e em qualquer época, na medida em que possui um caráter subjetivo subjacente ao próprio desenvolvimento emocional humano. Todavia, o *estar só* e o *estar em silêncio* indubitavelmente assumem diferenças significativas quando circunscritos na contemporaneidade em comparação à sua aparição na clínica freudiana do século XIX.

Para compreender no que substancialmente se diferem esses *silêncios*, a saber – o silêncio como resistência da época freudiana e o silêncio da clínica atual –, é preciso analisar nosso contexto atual, o que podemos realizar a partir da simples observação de fatos cotidianos que nos atravessam e nos interpelam, e certas conjecturas que, por conseguinte, somos impelidos a formular quase naturalmente, se nos entregarmos ao livre fluxo das associações.

## O (não) lugar do silêncio na cultura contemporânea

É notório, mesmo para um observador consideravelmente ingênuo, que em nossa cultura, sons, barulhos e ruídos integram a cena contemporânea como protagonistas, enquanto ao silêncio resta apenas um pequeno espaço como mero figurante. No teatro da vida queremos ouvir tudo e qualquer coisa que não seja o silêncio ensurdecidor que nos pesa aos ouvidos. Aonde vamos, carregamos conosco mais barulho do que pensamento, reflexão. E gritamos sem que nós mesmos possamos nos ouvir: “Tudo, qualquer coisa! Qualquer saída para o silêncio, e para o que este carrega em si!” Pode ser droga, bebida, amigo chato, latido de cachorro, buzina de carro, *Zorra Total*. Vamos sentir re-verberar no corpo e nos ouvidos o insuportável sob a forma de ruídos suportáveis. Sejamos solidários! Vamos ligar o som no maior volume e abrir a mala do carro para que todos compartilhem nosso momento musical *samba funk groove metal* e lhes proporcionar que, assim como nós, estejam livres de todo o mal!



Mas o que está implicado neste insuportável que o silêncio representa para nós na atualidade? Muitas articulações poderiam porvir a partir de tal indagação, contudo nos ateremos a certos aspectos que nos parecem promissores em nossa busca por uma melhor compreensão do fenômeno do silêncio na cultura contemporânea. Neste sentido, destacaremos inicialmente a *temporalidade* própria do contemporâneo: o caráter efêmero, imediato, descartável e reciclável do nosso tempo. Tempo? Tempo parece ser tudo que não temos.

Correndo contra o relógio tentamos dar conta de uma série infundável de compromissos que parecemos não ter escolhido, que apenas se impõem a nós numa tentativa sem sentido de “se encaixar na prateleira” das inúmeras exigências de performance que caracterizam uma sociedade do espetáculo. E entre trabalho, filhos, academia, trânsito, mercados e bancos, não há tempo a perder e qualquer momento de espera nos parece perda de tempo. Mas esperar em silêncio é, certamente, pior que apenas esperar. Então, esperamos o ônibus com nosso *MP3 player*, esperamos a volta da novela com as baboseiras dos anúncios, esperamos a fila do banco cantando. O interminável jantar só pode ser suportado com a TV ligada, mesmo que não a olhemos, pois o que nos serve é o barulho.

Pelo insuportável que o esperar comporta para nós, sujeitos contemporâneos, o fazemos sempre na companhia de algum recurso sonoro que preencha o não menos insuportável silêncio desses momentos. Vemos assim a forma peculiar que assume o silêncio e, dicotomicamente, sua ausência nos atos comunicativos dos contextos globalizados, com os atropelos da velocidade avassaladora dos meios de comunicação invasores de nosso cotidiano, própria de nosso tempo e desses contextos.

Em segundo lugar, gostaríamos de destacar a dimensão de *alteridade* e sua falta de lugar na cultura contemporânea. Sobre tal aspecto, Birman (2001) nos diz que vivemos hoje uma cultura do autocentramento, marcada por um esvaziamento de si e do Outro, de um não espaço para a alteridade, para o reconhecimento do Outro. O que há na cultura contemporânea é a extração do gozo, o que Melman (2003) retrata ao afirmar que “passamos de uma cultura fundada no recalque dos desejos e, portanto, cultura da neurose, a uma outra que recomenda a livre expressão e promove a perversão” (Melman, 2003, p. 15), “uma economia organizada pela exibição do gozo” (Melman, 2003, p. 16). Para o autor, funda-se aí uma nova economia psíquica, marcada pelo não reconhecimento da alteridade, mas pela busca desenfreada de prazer do próprio eu.

A cultura do individualismo nos faz não pensar no outro, não considerar a alteridade e mais ainda, não pensar em nada. Promove uma alienação em relação ao outro e nós mesmos, comportando em si a experiência de um vazio

radical. Assim, uma dimensão de falta parece estar presente em ambos os aspectos que buscamos destacar - temporalidade e alteridade - dimensão esta que melhor analisaremos adiante.

## O silêncio na clínica atual

Falamos anteriormente da dificuldade que temos em conviver com momentos silenciosos nos dias atuais, no entanto, em nossa experiência clínica, temos encontrado sujeitos extremamente calados e apáticos, o que nos parece extremamente contraditório e, portanto, nos convoca a uma reflexão.

Este silenciamento das vozes que se abate sobre os analisandos, nos parece correlato a um emudecimento do imaginário psíquico, a uma pobreza fantasística, como ressalta Kupermann (2003). Tanto o silêncio quanto a apatia e a desafetação presentes em seus discursos se coadunam ao vazio que experimentam em suas vidas, como sujeitos desprovidos de um potencial desejante. Cabe nos perguntarmos neste momento: onde está o desejo? De que maneira se instaurou, nos sujeitos contemporâneos, essa lógica da falta, vivenciada pela sensação de um vazio radical?

A este respeito, Recalcati (2004) nos fala que o discurso do capitalismo e o discurso da ciência realizam uma expulsão-anulação do sujeito do inconsciente, afirmando que, na época de Freud, o inconsciente era o inaudito, o escandaloso, mas atualmente, parece confinado aos territórios da superstição. Enquanto “a histeria freudiana celebrava a verdade do sujeito do inconsciente, os novos sintomas negam cinicamente sua existência” (Recalcati, 2004, p. 2). Assim, para o autor, a clínica dos chamados novos sintomas se manifesta como uma clínica além do recalque, mais caracterizada pela passagem ao ato, pela desagregação do caráter simbólico do sintoma e pelo retorno do gozo no real.

Ao afirmar uma anulação do sujeito do inconsciente, o autor deixa claro que a demanda contemporânea é desenganchada da “dialética do desejo”, e neste sentido, se configura como uma demanda imaginária do objeto, como um estado de contínua solicitação de renovar o objeto a consumir e descartá-lo quando não está mais na moda, fundando assim uma nova ética do consumo.

Assim, a demanda é imaginária na medida em que é eletrizada pelo objeto de gozo, um objeto-fetichê que viria a preencher uma pseudofalta. Esta demanda produz um vazio do objeto, que este objeto-fetichê é capaz, ilusoriamente, de preencher. “É, em outros termos, (...) o objeto que mostra paradoxalmente isto que falta ao sujeito e não a falta do sujeito que o guia em direção ao objeto, segundo a metonímia do desejo” (Recalcati, 2004, p. 8).

Para o autor, a demanda contemporânea é, então, esvaziada de desejo e se configura como demanda do objeto impossível, efêmero. Tal dimensão da demanda contemporânea alude, portanto, a um afastamento radical da simbolização do objeto perdido e promove

(...)um fechamento autístico do sujeito, uma refutação do Outro, (...) uma redução do laço social à ideologia narcisista da homogeneidade, “monossintomática”, que prescreve o estatuto isolado, monádico, fechado sobre si mesmo, “mono”, do sujeito contemporâneo. (Recalcati, 2004, p. 9)

Na época do Outro que não existe, as subjetividades são marcadas por uma ausência da dialética do desejo e uma crença num objeto impossível, permanecendo assim num estado radical de desamparo. Essas subjetividades constituem a clínica psicanalítica contemporânea, uma clínica do *acting-out*, da passagem ao ato, da convocação do corpo em detrimento do trabalho psíquico da simbolização.

Consideradas *borderline* ou estados-limite, as patologias atuais acabam por eleger saídas precárias para a dor que não se inscreve e, portanto, não se inserem na lógica do recalque, da fantasia e da simbolização. Quando dizer não é possível, o que resta é a possibilidade de regressão a meios de comunicação arcaicos, próprios de uma época anterior à linguagem verbal, como o silêncio, o choro, o grito, o encolher-se, o movimentar-se desmedidamente e com violência. Tais saídas precárias devem ser acolhidas, pois foram as saídas possíveis para estes sujeitos e este acolhimento parece residir nas possibilidades de escuta analítica que revestem a relação transferencial.

Assim, o silêncio do sujeito contemporâneo não parece ser um silêncio de resistência, pois não se insere na lógica do recalque; nem tampouco um silêncio que vem promover um trabalho psíquico de elaboração. Trata-se muito mais de uma ausência de simbolização, por seu caráter impossível para as novas subjetividades, o que, a nosso ver, parece inaugurar um silêncio diferente, um terceiro silêncio.

## Considerações finais

Procuramos aqui, antes de tudo, defender a idéia de que o silêncio é fundante e que sem silêncio não há sentido, o que nos convoca a acolher os momentos silenciosos de nossos analisandos em nossa prática clínica, mo-

mentos estes que certamente produzem efeitos inevitáveis na dinâmica da transferência.

Acolher os silêncios dos pacientes significa, acima de tudo, lhes oferecer uma escuta verdadeiramente analítica: aquela que está para além do ouvir as palavras, que se define pelo não dito, pela comunicação entre o inconsciente do analista e do analisando. Segundo Recalcati (2004), a oferta desta escuta analítica inclui o analista no próprio conceito de inconsciente enquanto constitui dele, o endereçamento.

Frente ao inequívoco limite da interpretação analítica segundo o princípio da neutralidade, a nova clínica deve investir o estatuto da palavra que aparece esvaziada de sentido nos dias de hoje. Isto significa *falar com*, “escutar o grito silencioso de socorro dos analisandos anestesiados através do cultivo de uma outra sensibilidade clínica e do estabelecimento de um “campo de afetação” (Kupermann, 2003, p. 3) no encontro analítico, “o que sugere uma disponibilidade para escutar a multiplicidade de ritmos e de vozes que compõem a poética contemporânea”. (Kupermann, 2003, p. 4)

Concluimos então, propondo um novo posicionamento da psicanálise frente ao silêncio na clínica: um posicionamento que vá de encontro à interpretação vacilante do mesmo como efeito da resistência; que leve em consideração a pregnância de aspectos da cultura contemporânea que inevitavelmente se impõem à tessitura das novas subjetividades.

Assumir esta posição, em nosso entendimento, promove uma análise da implicação do silêncio na experiência clínica, o que instaura uma valorização particular da relação terapêutica, que requer uma renovação a partir do investimento no reconhecimento da alteridade, do estabelecimento de um novo laço social e da possibilidade de poder encarnar, como analista, um novo Outro; posição que nos convoca para além do campo transferencial, na medida em que nos implica no devir ético da psicanálise de promover um resgate do sujeito do inconsciente na contemporaneidade.

**Tramitação:**

Recebido em 20/07/2009

Aprovado em 28/08/2009

**Camila Braz Padrão**

Rua General Tasso Fragoso, 24/103

Lagoa - Rio de Janeiro - RJ

22470-170

fone: (21) 9343-2930

e-mail: camilapadrao@globlo.com

## Referências

- BIRMAN, Joel. *Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.
- CAÑIZAL, Eduardo Peñuela. O silêncio nos entremeios da cultura e da linguagem. In: BAITELLO, N., CONTRERA, M.; MENEZES, J. (Org.). *Os meios da incomunicação*. São Paulo: Annablume, 2005.
- FELIPETO, Cristina; CALIL, Eduardo. As marteladas do ato falho. *Língua portuguesa: especial psicanálise e linguagem*. São Paulo, ano 2, p. 22-27, 2008.
- FONTENELE, Laéria. Inconsciente e linguagem. *Língua portuguesa: especial psicanálise e linguagem*. São Paulo, ano 2, p. 12-17, 2008.
- FREUD, Sigmund. Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos: comunicação preliminar. In: \_\_\_\_\_. *Estudos sobre a histeria*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 2). [1893].
- KUPERMANN, Daniel. *A experiência psicanalítica e a cultura contemporânea*. Disponível em: <[http://www.estadosgerais.org/mundial\\_rj/download/3\\_Kupermann\\_131161003\\_port.pdf](http://www.estadosgerais.org/mundial_rj/download/3_Kupermann_131161003_port.pdf)>. Acesso em: 15 jul. 2009.
- MELMAN, Charles. *O homem sem gravidade: gozar a qualquer preço*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2003. Entrevistas por Jean Pierre Lebrun.
- RECALCATI, Massimo. *A questão preliminar na época do Outro que não existe*. Tradução de Anamaria Lambert. Disponível em: <[http://www.latusa.com.br/latmartexp7\\_2.pdf](http://www.latusa.com.br/latmartexp7_2.pdf)>. Acesso em: 15 jul. 2009.
- WINNICOTT, Donald Woods. A capacidade para estar só. In: \_\_\_\_\_. *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983. p. 31-37. [1958].